

FORMAÇÃO NA
ESCOLA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ARTES VISUAIS

1º AO 3º ANO

INICIATIVA



FUNDAÇÃO
VALE

PARCEIRO



roda
educativa

FORMAÇÃO NA ESCOLA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA ARTES VISUAIS

1º AO 3º ANO

AUTORES

André Vilela e Renata Caiuby

ORGANIZADORAS

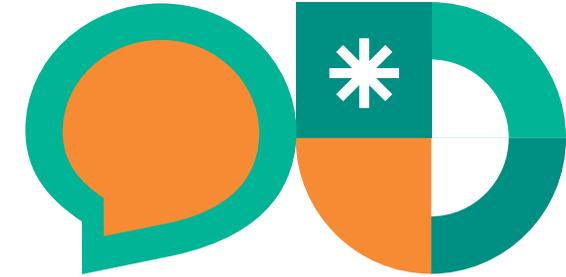
Érica de Faria Dutra, Patrícia Diaz
e Priscila de Giovani

INICIATIVA



PARCEIRO





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sequência didática : artes visuais : 1º ao 3º ano
/ André Vilela, Renata Caiuby ; organização
Érica de Faria Dutra, Patrícia Diaz, Priscila
de Giovani. -- 2. ed. -- São Paulo : Comunidade
Educativa CEDAC, 2024. -- (Formação na escola)

ISBN 978-85-89212-80-9

1. Arte (Ensino fundamental) 2. Artes visuais
I. Vilela, André. II. Caiuby, Renata. III. Dutra,
Érica de Faria. IV. Diaz, Patrícia. V. Giovani,
Priscila de. VI. Série.

24-207167

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

EXPEDIENTE

Formação na escola | Ensino Fundamental Anos Iniciais – 2ª Edição

Fundação Vale

www.fundacaovale.org

Conselho de curadores

Presidente

Maria Luiza Paiva

Diretora presidente

Flavia Constant

Diretora executiva

Pâmella De-Cnop

Equipe

Alice Natalizi
Andreia Prestes
Felipe de Faria
Fernanda Fingerl
Maykell Costa
Maria Alice Santos

Roda Educativa

(antiga **Comunidade Educativa CEDAC**)
www.rodaeducativa.org.br

Diretora presidente

Tereza Perez

Diretoria executiva

Patrícia Diaz
Ricardo Vilela
Roberta Panico

Coordenação pedagógica

Érica de Faria Dutra
Priscila de Giovani

Consultoria

Delia Lerner

Elaboração – Língua Portuguesa

Andréa Luize
Cristiane Pelissari
Cristiane Tavares
Debora Samori
Paula Stella

Elaboração – Artes Visuais

André Vilela
Renata Caiuby

Elaboração – 1ª edição Língua Portuguesa

Maria Madalena Monteiro da Rocha
Miriam Louise Sequerra
Renata Grinfeld
Sandra Mayumi Murakami Medrano

Elaboração – 1ª edição Artes Visuais

Flavia Ribeiro
Maria da Penha Brant
Renata Caiuby
Rosa Iavelberg

Apoio

Fernanda Martinelli
Leonardo Carlette

Produção editorial

Emily Stephano

Preparação de texto e revisão

Rafael Burgos

Projeto gráfico e diagramação

Colabora Estúdio de Design

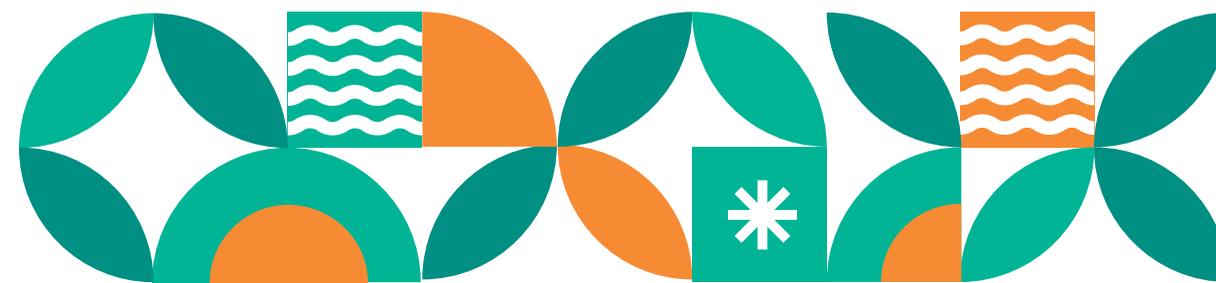


Agradecimentos

Agradecemos a todos os municípios participantes do Escola que Vale e do Programa Trilhos da Alfabetização e equipe de formadoras de Língua Portuguesa e Arte que colaboraram e tornaram possível esta publicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. COLAGEM.....	09
2. PINTURA	19
3. CONSTRUÇÃO TRIDIMENSIONAL.....	28
4. MODELAGEM COM ARGILA	37





INTRODUÇÃO



Este caderno apresenta um conjunto de Sequências Didáticas, em que cada uma explora uma modalidade artística distinta: colagem, pintura, construção tridimensional e modelagem. A seleção dessas quatro modalidades visa familiarizar estudantes com variados procedimentos e aprendizados. Na Sequência Didática de colagem, estudantes serão imersos na seleção e recorte de imagens e diversos materiais, com a tarefa de reorganizá-los e atribuir novos significados. Na sequência sobre pintura, serão guiados na mistura de tintas, aplicando-as em camadas e desenvolvendo suas composições. Em construção tridimensional, as ações centram-se em equilibrar, unir, montar e empilhar. Por último, na modelagem, serão incentivados a manipular argila, percebendo sua superfície, consistência e maleabilidade, além de aprender técnicas básicas para moldar e texturizar.

As Sequências de Atividades duram cerca de um mês e são divididas em quatro ou cinco aulas, adaptáveis à rotina da sala de aula e intercalando atividades coletivas e individuais, o que favorece distintos aprendizados em Artes Visuais. Em determinados momentos, estudantes trabalharão de forma autônoma, desenvolvendo seus projetos e experimentações, enquanto em outros terão a oportunidade de dialogar e compartilhar ideias com colegas, superando desafios no desenvolvimento de seus trabalhos.

Esperamos que professores e professoras façam bom uso das propostas aqui delineadas e que elas sirvam de inspiração para a continuidade do trabalho, consolidando o tempo assegurado para que estudantes vivenciem experiências de investigação, criação e construção de conhecimentos bastante significativas. Ademais, desejamos que se familiarizem com essas práticas e aprendizados, integrando-as ao repertório de experiências estéticas essenciais às Artes Visuais!

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

ETAPAS DO PROJETO	ATIVIDADES
1. Colagem	Aula 1 – Desenhar com a tesoura Aula 2 – Pesquisa de materiais e novos recortes Aula 3 – Novas colagens Aula 4 – Apreciação
2. Pintura	Aula 1 – Preparação do suporte Aula 2 – Pintura livre sobre suporte preparado Aula 3 – Colagem sobre o suporte Aula 4 – Pintura sobre suporte em relevo Aula 5 – Apreciação
3. Construção tridimensional	Aula 1 – Construção de uma torre Aula 2 – Uma nova torre Aula 3 – Desenho de observação e pintura da torre Aula 4 – Apreciação
4. Modelagem com argila	Aula 1 – Investigação Aula 2 – Modelagem de pequenos bichos Aula 3 – Modelagem de casas para os bichos Aula 4 – Apreciação

1 COLAGEM



1 COLAGEM

APRESENTAÇÃO

Nesta Sequência Didática, estudantes serão introduzidos e introduzidas à arte da colagem, uma linguagem desenvolvida por artistas europeus por volta de 1910. A prática de fixar pedaços de papel sobre seus desenhos, dando origem à “collage” (colagem) ou “papier collé” (papel colado), influenciou profundamente a arte do século XX. A essência da colagem, termo derivado do francês que significa fixar ou colar, reside na descontextualização de imagens e materiais cotidianos e sua reconfiguração em um novo contexto, destacando-se pela diversidade e heterogeneidade de seus componentes.

Cada elemento na colagem remete a uma realidade externa, mas é rearranjado para assumir um novo significado: selos, fragmentos de papel, cartas de baralho, rótulos, imagens recortadas de revistas ou jornais, fotografias e ilustrações, entre outros, são reorganizados, sobrepostos, alinhados e colados em suportes, assumindo significações distintas das originais. Enquanto a colagem é tradicionalmente plana e bidimensional, construções tridimensionais com variados materiais são denominadas “assemblage”, termo integrado às artes em 1953 pelo artista francês Jean Dubuffet.

➤ Para aprofundar conhecimentos sobre o artista, recomenda-se a consulta ao link www.moma.org/artists/1633 e uma pesquisa no Google com a expressão “Dubuffet imagens”.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Recortar e colar são procedimentos frequentes no trabalho de colagem. Ambas as ações exigem prática, já que os e as estudantes precisam aprimorar a destreza no uso da tesoura e aprender a colar de forma correta. Para tal, é essencial incentivá-los e incentivá-las a fazer recortes para superar gradativamente suas dificuldades.

Na produção de uma colagem, o ou a estudante estabelece uma relação com a imagem desde o instante em que decide suas escolhas – ao optar por um fragmento de determinada fotografia, de um desenho, de uma ilustração, uma palavra, uma letra, entre outros. Posteriormente, ao recortá-los, ele ou ela percorre o contorno, redefinindo sua forma original. Ao retirar uma figura ou outro elemento gráfico de seu contexto e associá-lo a outros fragmentos selecionados e recortados, a

colagem possibilita a fragmentação de imagens e sua recontextualização por meio de operações como justapor, sobrepor e relacionar.

Estudantes mais novos tendem a recortar uma figura, deixando uma margem ao redor de seu contorno – detalhes, como curvas e espaços entre partes da imagem, geralmente possuem essa margem. Com o tempo e a prática, desenvolvem um controle mais refinado no uso da tesoura, realizando recortes mais precisos.

COLA E PINCÉIS

A forma como se utiliza a cola deve ser bem orientada para que os e as estudantes trabalhem de maneira organizada e sem desperdício de material. Assim, evita-se questões como cola espalhada em vários papéis ou outros materiais antes do momento adequado para colagem.

Recomenda-se o uso de pincéis para espalhar a cola, evitando que os e as estudantes fiquem com dedos pegajosos, o que poderia dificultar o manuseio dos papéis.

Mesmo que alguns enfrentem dificuldades ao colar, é fundamental que sejam apenas orientados sobre as melhores técnicas, garantindo que conduzam esse processo de forma autônoma.

Se a cola estiver muito espessa, pode-se diluí-la com um pouco de água, sempre com cautela para não se exceder na diluição.

ORGANIZAÇÃO DA CLASSE

A organização da turma em pequenos grupos de quatro ou cinco estudantes pode ser vantajosa, permitindo que compartilhem materiais e descobertas. Observar um ou uma colega no processo de recortar pode motivá-los a explorar novas formas de realizar essa tarefa.

APRENDIZAGENS ESPERADAS¹

- Criar imagens a partir de recortes de papéis, recortes de imagens e de outros materiais;
- Resignificar imagens, reorganizando-as em combinações diferentes de seu contexto original;
- Desenhar substituindo o lápis pela tesoura.

1. Contemplam expectativas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular.



AULA 1

DESENHAR COM A TESOURA

PREPARAÇÃO

Para a proposta, podem ser utilizadas tesouras, papéis variados – papel espelho de várias cores, papel laminado, papel sulfite etc.; cartolina ou papelão, com tamanhos variados, para o suporte; cola branca, pincéis para espalhar a cola, copinhos plásticos para distribuí-la, objetos para serem observados em quantidade suficiente para cada grupo, envelopes identificados para que cada estudante guarde os papéis que recortou e, além disso, pode ser montado um varal para secar as colagens.

Sobre os objetos, professores e professoras podem escolher uma variedade de objetos domésticos de formas simples, como chaleiras, garrafas, colheres, talheres e até algumas ferramentas. Também é possível incluir itens de limpeza, como baldes, vassouras e espátulas – a ideia é que estudantes possam facilmente recortar estas formas no papel. Durante a aula, professores e professoras disporão esses objetos conforme a orientação do plano de aula.

Os papéis recortados e não utilizados nesta atividade podem ser guardados nos envelopes individuais para serem usados na terceira atividade desta sequência.

ATIVIDADE

Sugere-se que estudantes sejam organizados e organizadas em pequenos grupos e orientados a desenhar utilizando apenas tesoura, sem qualquer traçado anterior, baseando-se na observação de determinados objetos da sala ou de outros materiais imagéticos, a partir dos mais variados papéis. É fundamental esclarecer que o manuseio de tesouras exige total atenção para evitar possíveis acidentes.

Ao distribuir os objetos para os grupos, pode-se indicar que o trabalho se dará por meio da observação desses itens. O foco é desenhar com a tesoura, recortando diretamente o papel, sem a necessidade de esboçar contornos com lápis. Nesse sentido, estudantes precisam ser incentivados e incentivadas a observar detalhadamente, assegurando-se de que a mão que recorta esteja em sintonia com os olhos que veem.

É crucial lembrar que estudantes terão distintos níveis de habilidade. Portanto, é interessante respeitar o ritmo e os limites de cada um e cada uma, ouvindo-os e atendendo eventuais dúvidas, com atenção para compreender suas intenções e incentivar a concretização de suas ideias. Nessa atividade, não existem “resultados corretos”, e as diferenças entre os trabalhos só servem para enriquecer o aprendizado coletivo.

NOVA IMAGEM

Após um período, sugere-se que os objetos usados para observação sejam recolhidos. Professores e professoras podem explicar que, agora, estudantes usarão os recortes para criar uma imagem. É interessante que escolham o suporte que desejam usar – considerando tanto o material quanto o tamanho –, com a observação de que não necessariamente precisarão usar todos os recortes feitos. Aqueles que não forem utilizados devem ser guardados nos envelopes para uma futura atividade.

Pode-se esclarecer que a imagem criada não precisa ter uma ligação direta com os objetos observados anteriormente. No entanto, é importante que seja construída a partir das formas recortadas e de suas cores. Assim, o desafio reside nas escolhas entre os diferentes recortes, decidindo-se sobre a posição de cada peça no suporte, qual recorte será anexado a qual, como as cores e formas serão combinadas e outras decisões que revelam o processo criativo envolvido na colagem.

Vale lembrar, antes de iniciar o processo de colagem, eles e elas podem determinar a posição de cada fragmento que comporá a imagem – sugere-se que experimentem diferentes combinações até encontrarem a que mais lhes agrade. Após essa etapa, estudantes podem pegar um pincel e um copinho plástico contendo cola para aderir as partes ao suporte escolhido. Ao finalizar, recomenda-se que coloquem seus trabalhos em um varal, permitindo que a cola seque de forma adequada.

Conforme forem concluindo suas colagens, pode-se solicitar que organizem o material utilizado e entreguem seus envelopes, que estarão nomeados, para guardarem as sobras até o próximo encontro. Quando as colagens estiverem secas, professores e professoras podem armazená-las, preparando-se para a sessão de apreciação que ocorrerá na aula subsequente.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Nesta atividade, a tesoura substitui o lápis, definindo formas ao recortar contornos a partir da observação de objetos. Este tipo de recorte não tem as mesmas características que os recortes de partes de uma imagem, é um procedimento direto em que formas são recortadas a partir da observação.

O artista Matisse (1869-1954) recortava à mão livre papéis coloridos em diferentes formas, pregava-os às paredes brancas de seu ateliê para que pudesse olhá-los e ajustá-los, recortando, combinando e recombinao formas e cores até obter o que desejava. Depois, ele colava essas formas sobre um suporte. Nesta atividade, são propostos operações e procedimentos semelhantes ao que artistas como Matisse utilizaram em seus ateliês.



Para saber mais sobre o artista, faça uma busca por colagens de Matisse – em inglês, busque por *Matisse cut outs* – na internet.

AULA 2

PESQUISA DE MATERIAIS E NOVOS RECORTES

PREPARAÇÃO

Antes da aula, é recomendado que professores e professoras montem um varal com os trabalhos feitos na atividade anterior, preparando-se para a apreciação dos mesmos.

Cerca de uma semana antes da atividade, sugere-se pedir aos e às estudantes que tragam de suas casas e coletem na comunidade local diversos materiais. Entre os que podem ser solicitados estão: papel de embrulho, papel de bala, sacos de papel, impressos com textos e imagens, restos de cartas de baralho, selos, rótulos, embalagens de papel de espessura média, pedaços de lixa, revistas, retalhos de tecido (que podem ser obtidos em confecções locais ou através de costureiras), folhas secas, jornais e outros materiais impressos.

Tais coletas podem ser uma iniciativa somente da turma que está realizando a atividade ou pode envolver toda a escola, formando um conjunto de materiais que serão utilizados pelos e pelas estudantes em diversas atividades. Para organizar e armazenar o que foi coletado, pode-se providenciar sacos plásticos, envelopes, pastas ou caixas.

Adicionalmente, pode-se fazer cópias de diversas imagens, sejam elas extraídas de livros, da internet ou até de desenhos feitos pelos e pelas estudantes que estejam dispostos a utilizá-los nas colagens. Também é interessante recuperar o envelope com os recortes não usados na atividade anterior.

Para esta atividade, serão necessários: tesouras e diversos materiais, os quais podem ser organizados em caixas ou cestas e dispostos em diferentes pontos da sala de aula.

ATIVIDADE

No início da atividade, sugere-se que os e as estudantes apreciem os trabalhos realizados na aula anterior. Em seguida, podem realizar a pesquisa e seleção de novos materiais, recortando-os para gerar material para uma nova colagem.

APRECIÇÃO DOS TRABALHOS

Recomenda-se convidá-los para uma apreciação dos trabalhos já produzidos. É interessante destacar as variadas soluções apresentadas pelos grupos que focaram nos mesmos objetos, questionando se reconhecem recortes de diferentes tamanhos oriundos da observação do mesmo objeto e solicitando que identifiquem os trabalhos que apresentam essa diversidade.

NOVOS RECORTES

Sugerimos que a variedade de materiais coletados pela turma seja apresentada, previamente organizada e disponibilizada em diferentes áreas da sala, evitando assim aglomerações quando estiverem escolhendo seus materiais. É importante informá-los e informá-las que têm a liberdade de visitar essas áreas diversas vezes, conforme sua necessidade.

Também é interessante lembrar a eles e elas que podem selecionar, dentre os materiais disponíveis, imagens ou partes destas que lhes pareçam atraentes, seja pela cor, forma ou qualquer outro atributo. Por exemplo, em uma representação de figura humana, é interessante que se considere focar em detalhes, como um rosto, um chapéu ou um olho. Ao se depararem com uma paisagem, estudantes podem ser incentivados a escolher uma seção específica ou um objeto particular – também encontrarão textos impressos. Destas fontes, palavras ou até mesmo letras individuais podem ser extraídas, servindo como elementos gráficos em suas colagens. Professores e professoras podem demonstrar como uma ampla área de texto, especialmente aquelas com letras menores, pode ser empregada como uma textura ou estampa, de modo similar aos padrões encontrados em certos tecidos ou papéis de presente.

Ao finalizar, é interessante ressaltar que todos esses elementos, quando transformados em relação à sua forma original, podem ser recombinaados para criar uma colagem. Sugerimos orientá-los e orientá-las a guardar seus recortes nos respectivos envelopes, deixando claro que a finalização do trabalho se dará em uma aula posterior.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Para que os e as estudantes tenham condições amplas de experimentação, é crucial que tenham acesso a uma variedade de materiais para colagem com imagens de diferentes origens. Ao disponibilizar revistas, jornais e material impresso, é importante entregá-los inteiros, permitindo que folheiem suas páginas e selecionem o que desejam recortar.

Solicitar que o ou a estudante guarde seus próprios trabalhos e saiba onde estão localizados na sala de aula, para retomar a atividade posteriormente, favorece o desenvolvimento de sua autonomia e destreza em aulas de Arte – isso é válido tanto para propostas orientadas pelos professores e professoras quanto para projetos individuais.

Observar os e as colegas em ação também se mostra uma valiosa forma de aprendizado. Assim, os e as estudantes começam a identificar diferentes critérios para escolher o que recortar, outras técnicas de recorte e a compartilhar suas descobertas, dúvidas e investigações. É essencial que professores e professoras apoiem, incentivem e valorizem as tentativas, pesquisas e conquistas de cada estudante.

AULA 3

NOVAS COLAGENS

PREPARAÇÃO

Para esta atividade, é fundamental ter todos os materiais em mãos e organizados. Professores e professoras precisarão:

- Recuperar os envelopes com os recortes que os e as estudantes prepararam na aula anterior;
- Ter disponível folha de cartolina para a composição coletiva;
- Fornecer papelão ou cartolina para servir de suporte individual para as colagens;
- Dispor de tesouras, pincéis, cola e copinhos plásticos para distribuir entre eles e elas.

ATIVIDADE

Sugerimos iniciar a aula lembrando-os acerca dos recortes feitos na aula anterior – é interessante incentivá-los e incentivá-las a compartilhar o que escolheram ou recortaram. Recomendamos motivar uma discussão sobre suas escolhas, promovendo reflexões acerca dos significados e intenções por trás de cada seleção. Também pode-se destacar a importância da recontextualização na colagem e como cada fragmento, ao ser reorganizado, pode assumir um novo significado.

COMPOSIÇÃO COLETIVA

Pode-se propor um jogo colaborativo que explore a ideia da colagem – organizar estudantes em círculo e posicionar a folha de cartolina ao centro é uma estratégia a ser considerada. Sugere-se que cada um e cada uma, na sua vez, adicione um recorte à folha de cartolina, sequencialmente, contribuindo para uma composição coletiva. A cada nova adição, é relevante discutir como o novo fragmento altera a composição geral e o significado que emerge. É interessante encorajá-los e encorajá-las a pensar de forma aberta e criativa, reforçando que a composição pode ser imaginativa, e não necessariamente realista. Esse exercício pode servir para demonstrar como distintos elementos podem ser rearranjados para originar novas imagens e conceitos.

COLAGEM INDIVIDUAL

Recomenda-se distribuir os envelopes com os recortes para seus respectivos criadores e criadoras, com estudantes orientados e orientadas a examinar todo o conteúdo de seus envelopes, de modo que testem diferentes agrupamentos antes de estabelecer sua composição definitiva. Sugerimos pedir a alguns e algumas estudantes para distribuir os suportes, como cartolina ou papelão. Durante o processo, professores e professoras podem circular pela sala, fornecendo apoios e direcionamento.

Conforme finalizam, estudantes podem ser incentivados e incentivadas a pendurar seus trabalhos artísticos para secagem. Ao concluir a atividade, é válido lembrar que, na aula seguinte, ocorrerá uma apreciação das obras completas. Após essa atividade, entende-se que eles e elas não apenas terão aprimorado habilidades de colagem, mas também terão mergulhado em conceitos como recontextualização, significado e colaboração artística.

O QUE É IMPORTANTE SABER

O jogo de composição coletiva realizado em grupo é uma intervenção crucial para que as colagens não se limitem, simplesmente, a colar recortes espalhados na folha ou adjacentes, aderindo a padrões mais habituais, muitas vezes com o simples intuito de embelezar.

A abordagem da colagem baseia-se nas associações que cada estudante estabelece enquanto trabalha, processo que pode englobar diversas combinações de formas e materiais, bem como o início e abandono de composições.

Assim, é essencial que os e as estudantes explorem várias combinações dos materiais selecionados para a colagem e, também, diferentes maneiras de organizar esses materiais no suporte destinado para a colagem. Isso pode incluir justapor, alinhar ou criar outros arranjos com seus recortes, até que encontrem uma configuração final que os agrade.

Vale ficar atento ao processo de trabalho do grupo, valorizando o tempo e as decisões individuais. Assim, garante-se que as experimentações e descobertas de todos e todas ocorram durante a aula e se reflitam nos resultados finais.

AULA 4

APRECIÇÃO

PREPARAÇÃO

É sugerido que preparem a sala, pendurando no varal as colagens realizadas pelos e pelas estudantes, de modo a promover sua apreciação. Na apreciação dos trabalhos, é interessante que busquem identificar características de suas colagens, como: subversão de esquemas de representação, combinações de recortes de diferentes tamanhos, criação de imagens que remetam a objetos existentes ou não, e escolha por composições abstratas focadas em cores e formas. Com esses elementos em mente, professores e professoras podem envolvê-los e envolvê-las na apreciação dos trabalhos, auxiliando em suas observações com perguntas relacionadas diretamente às colagens. É interessante ir além de questionamentos sobre a experiência da atividade, estimulando a refletirem e falarem sobre o que observam nas imagens produzidas.

ATIVIDADE

Pode-se solicitar que observem atentamente as colagens penduradas no varal. Posteriormente, com todos e todas posicionados de maneira a visualizar todas as obras, sugere-se direcionar a observação com questões como:

- Em algum trabalho, vocês conseguem identificar imagens de objetos ou seres inventados?
- Indiquem uma colagem na qual predominou uma única cor.
- Quais padrões ou estampas vocês reconhecem nestas colagens?
- Conseguem identificar a origem de determinada parte de uma colagem? Provém de uma figura, texto, fotografia ou desenho?
- Como esse fragmento se integra nessa nova composição?
- Notaram como, neste trabalho, um selo foi utilizado para representar um tapete?
- Observaram que um olho recortado de uma figura desempenhou o papel de sol em determinada colagem?

É válido ressaltar que aulas de Artes Visuais não necessitam ser exclusivamente práticas. Dedicar um tempo para a apreciação de trabalhos previamente produzidos pode ser central na proposta pedagógica, especialmente quando há desafios reflexivos para os e as estudantes. Nesse sentido, é crucial que eles e elas consigam relacionar as atividades práticas às de análise e apreciação.

REORGANIZAÇÃO DAS COLAGENS NO VARAL

É sugerido que professores e professoras elaborem, juntamente com os e as estudantes, critérios para reorganizar as colagens exibidas no varal – isso pode ser feito com base nas discussões e observações realizadas durante a apreciação das obras. Por exemplo, podem-se considerar critérios como: trabalhos que apresentam formas similares, em que alguma imagem criativa se assemelha a outra, que utilizam cores específicas, incorporam letras ou fragmentos de embalagens, entre outros.

Posteriormente, é interessante dividir a classe em grupos, conforme o número de critérios definidos. Professores e professoras podem, então, orientar cada grupo a retirar do varal as colagens que se encaixam em seu critério específico, para depois reorganizar a exibição, agrupando os trabalhos de acordo com os padrões estabelecidos pela classe. Recomenda-se deixar o varal exposto por um período, permitindo que outras turmas tenham a oportunidade de apreciar as colagens.

2

PINTURA



2 PINTURA

APRESENTAÇÃO

Esta Sequência Didática valoriza a pintura como uma ferramenta fundamental no trabalho com os e as estudantes, reconhecendo sua presença marcante no cotidiano escolar. Dentre as diversas linguagens artísticas contemporâneas, a pintura – juntamente com o desenho, a colagem e a modelagem – é considerada de grande relevância para o aprendizado artístico.

Ao desenvolver atividades de pintura, espera-se que estudantes mostrem entusiasmo ao aplicar tinta em cada canto do papel, se dedicando à composição de camadas e à distribuição de pinceladas sobre diferentes suportes. Ao acompanhar esse processo criativo, educadores e educadoras têm a oportunidade de observar os meandros do pensamento artístico de cada estudante, incentivando esta e outras atividades essenciais para sua formação em Artes Visuais.

É amplamente reconhecido que os e as estudantes sentem prazer ao misturar ingredientes – seja para fazer a massa de um bolo, combinar tintas para uma pintura ou misturar diferentes líquidos, existe um fascínio inerente no ato de combinar cores, materiais ou substâncias e observar sua transformação. Portanto, ao se preparar uma tinta específica para a pintura, são promovidos aprendizados valiosos na exploração de cores – uma prática comum tanto para artistas em seus ateliês quanto para estudantes em salas de aula. Em ambas as situações, é essencial preparar os materiais que serão utilizados. Permitir que estudantes participem de todas as etapas de uma proposta, vale destacar, fomenta seu envolvimento, autonomia, compreensão e desempenho.

APRENDIZAGENS ESPERADAS¹

- Usar pincéis finos, largos e grossos para obter diferentes pinceladas;
- Aprender cuidados e procedimentos, como lavar o pincel antes da troca de cores ou tirar o excesso de tinta do pincel antes de levá-lo ao papel;
- Pintar em sobreposição de camadas;
- Acompanhar as etapas de uma pintura, observando as camadas se sobrepondo, colando os materiais para compor um relevo;
- Misturar determinadas cores para obter outras;
- Escolher, entre diferentes suportes para a pintura, qual o mais ajustado ao propósito.

¹ Contemplam expectativas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular.

AULA 1 PREPARAÇÃO DO SUPORTE

PREPARAÇÃO

Sabe-se que, em atividades de pintura, é perfeitamente normal que estudantes se sujeitem ou que a tinta seja derramada pela mesa ou chão. Sendo assim, é recomendado selecionar um local apropriado para a atividade.

Os pincéis sugeridos para uso devem ser de cerdas largas para que eles e elas não se sintam fatigados ao tentar cobrir o papel completamente para produzir o fundo colorido.

Professores e professoras podem cortar o suporte com antecedência – esse suporte, que é a superfície que receberá a tinta, pode ser de variados materiais, como diferentes tipos de papel, pedras, tecidos, o chão, as paredes, entre outros.

Recomenda-se dialogar com os e as estudantes sobre qual cor será utilizada para pintar o suporte, propondo a combinação de duas cores. Por exemplo, para laranja, seriam necessárias tintas amarela e vermelha; para verde, amarelo e azul, e assim por diante.

Para esta atividade, serão necessárias pinturas de artistas diversos para apreciação. Também serão necessários um recipiente para cada estudante – como copos de iogurte ou o fundo de uma garrafa PET pequena –, um pote de água para lavar os pincéis, um pincel largo para cada estudante, caixas de papelão cortadas em quadrados de três tamanhos diferentes, jornais para forrar as mesas e um pano úmido para limpeza. Tintas em cores: amarela, vermelha, azul, branca e preta são também necessárias.

ATIVIDADE

Sugerimos reunir estudantes em círculo e introduzir a atividade de pintura. Pode-se questionar se já tiveram experiências anteriores com pintura e quais materiais consideram essenciais para tal atividade, envolvendo-os numa discussão que valoriza seus conhecimentos prévios. Neste contexto, seria enriquecedor apreciar uma obra de arte, discutindo sobre os materiais utilizados, os suportes e identificando as cores presentes.

Em seguida, é interessante disponibilizar os papelões para que cada estudante escolha um – podem, então, escrever seus nomes no verso do papelão e posicioná-lo em sua mesa ou outro local de trabalho. Ao retornarem ao círculo, professores e professoras podem distribuir as tintas, permitindo que as misturas sejam feitas, de modo que eles e elas comentem as transformações ao combinar duas cores. Posteriormente, munidos de pincel e tinta, os e as estudantes podem

se dirigir ao seu papelão para aplicar a tinta, preparando o suporte para uma próxima camada de pintura na aula subsequente.

Após finalizarem esta etapa, estudantes devem guardar os suportes em um local apropriado para secagem. É vital que professores e professoras valorizem e informem sobre esses procedimentos, pois eles são fundamentais no universo da pintura e representam um aprendizado significativo para aqueles que estão se aventurando nessa linguagem artística.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Ao vivenciar os procedimentos de pintura, percebe-se que os e as estudantes tornam-se progressivamente mais habilidosos e organizados – a experiência prática traz profundo conhecimento sobre esta linguagem artística. O tempo dedicado à atividade pode variar de acordo com a idade e o conhecimento prévio do grupo.

É interessante fazer uma seleção de pinturas para serem apreciadas com eles e elas. Apreciar uma imagem, vale destacar, envolve observar e relacionar os diversos elementos que a compõem. Por exemplo, em uma pintura, pode-se considerar o uso das cores, como as tintas foram aplicadas, as pinceladas, entre outros detalhes.

As obras de Vincent Van Gogh são frequentemente usadas como exemplos, uma vez que muitos educadores e educadoras optam por este artista ao apresentar as características marcantes de seu estilo, como as pinceladas e as sobreposições de cores.

Ao abordar o tema da pintura, sugere-se que a turma observe trabalhos realizados por outros e outras estudantes, de diversas idades, de artistas contemporâneos, afro-brasileiros, indígenas e também artistas locais. A experiência de observar uma pintura original é distinta de ver uma reprodução fotográfica, pois ao vivo é possível captar qualidades específicas dessa forma de arte.



AULA 2

PINTURA LIVRE SOBRE SUPORTE PREPARADO

PREPARAÇÃO

É interessante preparar os seguintes materiais para a atividade: jornais para forrar a mesa de trabalho ou um pano de limpeza, potes de água para limpar os pincéis, tintas – nas cores vermelha, azul, amarela, branca e preta – e pincéis de diversos tamanhos e formatos, incluindo redondos, chatos e largos.

Além disso, é importante planejar orientações sobre a mistura das tintas e o uso de diferentes pincéis.

ATIVIDADE

Com estudantes em um círculo, vale retomar os suportes com os fundos pintados na aula anterior para explicar que adicionarão uma nova camada de tinta, pintando conforme desejarem, indicando, ainda, que as tintas para a atividade serão preparadas por eles e elas, com a devida orientação. Ressaltamos a importância de chamar a atenção de todos e todas para os cuidados com os materiais, lembrando-os sobre como limpar os pincéis antes de mudar de cor, remover o excesso de tinta do pincel antes de aplicá-la e evitar respingos no trabalho dos e das colegas.

Durante a preparação das tintas, estudantes podem ser orientados e orientadas sobre a quantidade adequada para as misturas. Com as tintas já prontas, permita que a camada de fundo anteriormente pintada fique visível – esta etapa é crucial para que os e as estudantes observem a sobreposição das diferentes camadas e a interação do fundo com a pintura.

Finalmente, pode-se explicar que, ao pintar uma cor sobre outra ainda úmida, ocorrerá uma fusão das cores, resultando em uma nova tonalidade. No entanto, ao pintar sobre uma cor já seca, haverá uma combinação de cores, especialmente se a tinta for transparente, como as anilinas, ou se estiver levemente diluída em água, como no caso do guache.

PINTURA LIVRE

Com tintas de variadas cores disponíveis na mesa e uma seleção de pincéis de diferentes tamanhos, é sugerido que a atividade comece. Pode-se lembrar aos e às estudantes que escolham livremente o que desejam pintar, dando atenção não só ao tema, mas às técnicas de pincelada. É interessante observar os efeitos da sobreposição de cores, verificar se há transparência e entender como a cor de fundo influencia a cor recém-aplicada – professores e professoras podem orientá-los e orientá-las sobre as nuances que surgem quando se aplica tinta sobre uma superfície ainda úmida.

Ao acompanhar o progresso dos e das estudantes, pode-se, ao longo da atividade, sugerir a troca de pincéis entre eles e elas, incentivando a observação das diferentes marcas e efeitos produzidos por cada pincel em suas obras. No momento de mudar de cor, é fundamental reforçar a importância de se renovar a água usada para limpar os pincéis, assegurando sua total limpeza.

Por fim, pode-se combinar com os e as estudantes o local adequado para deixar suas obras secarem.

APRECIÇÃO

Ao final da aula, recomenda-se uma apreciação dos trabalhos, atentando-se às questões mencionadas anteriormente, como as técnicas de pincelada, sobreposições de cores e transparências – seria benéfico para eles e elas identificar semelhanças e diferenças nos resultados alcançados por seus e suas colegas. Pode-se sugerir, por exemplo, que destaquem obras em que as transparências são evidentes, aquelas em que a cor de fundo influenciou a cor aplicada sobre ela, ou mesmo aquelas em que ficou destacado o gesto do ou da estudante ao usar o pincel.

O QUE É IMPORTANTE SABER

É importante reconhecer que um dos pilares fundamentais no ensino das Artes Visuais é a prática, que idealmente deve ser acessível aos e às estudantes. O sucesso da proposta, assim, está intimamente relacionado à participação ativa deles e delas, influenciada pelas decisões tomadas durante a preparação e organização da atividade.



AULA 3 COLAGEM SOBRE O SUPORTE

PREPARAÇÃO

Para esta atividade, os materiais recomendados são pincéis para colagem, potinhos com cola branca e diversos outros materiais para colagem.

Recomenda-se que, nesta primeira atividade, os materiais sejam selecionados pelo professor ou professora, apresentando à turma os critérios usados – assim poderão considerar esses critérios em futuras coletas. Caso a seleção de materiais seja feita por estudantes, vale orientar para que se atentem ao que é possível aderir ao papelão. Ao coletar materiais naturais, como sementes, folhas secas, pedras e galhos, pode-se explicar que nem todos são adequados para aderir a uma superfície de papelão, seja devido ao tamanho ou à consistência. Por exemplo, uma pedra muito grande dificilmente aderirá; o mesmo ocorre com folhas verdes, pois sua forma altera-se ao secar.

ATIVIDADE

Recomenda-se que professores e professoras organizem os materiais nas mesas e distribuam os papelões com os nomes dos e das estudantes, orientando a atividade de forma que cada um e cada uma tenha a liberdade de escolher os materiais a serem colados. Antes de iniciarem, é interessante demonstrar como usar a cola, aplicando-a na superfície de um objeto e, em seguida, aderindo-o ao papel.

Sugerimos reservar um momento para que estudantes explorem diversas formas de organizar os materiais no papelão antes do uso da cola. É proveitoso discutir as diferentes abordagens que cada um e cada uma optou para dispor os materiais: seja agrupando muitos itens em um canto, distribuindo-os de maneira simétrica, formando figuras, centralizando-os no papel, entre outras possibilidades. Pode-se esclarecer que, após a etapa de colagem, o trabalho será complementado com tinta.

Depois dessa orientação, estudantes podem se dirigir às suas mesas para dar início à colagem. Durante esse processo, é interessante que professores e professoras circulem pela sala, apoiando-os em suas decisões para essa atividade.

AULA 4

PINTURA SOBRE SUPORTE EM RELEVO

PREPARAÇÃO

Recomenda-se retomar os suportes que foram preparados previamente e estão secos. É interessante planejar intervenções de modo que os e as estudantes consigam, efetivamente, concretizar a proposta. Para a atividade, pode-se separar tintas, pincéis e potinhos.

ATIVIDADE

Vale esclarecer aos e às estudantes a ideia central: pintar sobre o relevo que foi preparado na aula anterior por meio das colagens. Para isso, podem disponibilizar as tintas para que cada estudante escolha aquelas que deseja usar diretamente ou para que faça misturas visando obter novas tonalidades.

Com os pincéis e potinhos ao alcance, cada estudante fará suas próprias escolhas de cor, estando livre para trocar ideias ou materiais com os e as colegas. Sugere-se que possam pintar tanto os objetos colados quanto o fundo, integrando quaisquer elementos que desejarem à sua pintura. É deixado ao critério de cada um e cada uma a decisão de usar uma única cor ou diversas cores para compor sua obra, utilizando o conhecimento que já possuem sobre técnicas e misturas de cores, fazendo suas escolhas de forma autônoma.

AULA 5

APRECIÇÃO

PREPARAÇÃO

A apreciação pode ser conduzida de maneira mais informal, com os trabalhos exibidos em um varal, dispostos sobre as mesas ou no chão, durante a aula. Quando o ou a estudante tem a oportunidade de apresentar suas criações e discutir sobre elas, revisita seu processo criativo, destacando desafios e soluções encontradas. Para isso, é essencial planejar a apreciação com antecedência, estabelecendo os pontos que se deseja discutir, baseados na atividade proposta e nas obras criadas pelos e pelas estudantes, já que isso enriquecerá a atividade. Vale garantir que a apreciação não se estenda por muito tempo, evitando que a turma perca o interesse, e focando em aspectos relevantes ao trabalho em questão.

ATIVIDADE

Com os trabalhos expostos, é interessante incentivar que comentem sobre suas produções – professores e professoras podem guiar a apreciação fazendo perguntas alinhadas ao planejamento prévio, com atenção a estudantes que raramente se mostram disponíveis para participar, encorajando-os a se envolver. As respostas e comentários de cada um e cada uma podem ser transformados em critérios para uma possível reorganização dos trabalhos numa exposição futura, categorizando-os, por exemplo, pelos que possuem relevos mais pronunciados, os elaborados com duas cores, os que mostram sobreposição de tinta ou os que representam figuras específicas.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Durante a apreciação, é relevante destacar os diferentes métodos de seleção adotados e a forma como os materiais foram organizados no espaço do papel. As transformações resultantes da pintura sobre a camada de materiais colados também podem ser destacadas, lembrando as cores e as características dos materiais antes de serem pintados – a aplicação de uma cor sobre diversos elementos colados no suporte pode unificá-los em uma única massa ou volume, alterando suas características individuais. Assim, é interessante considerar a montagem de uma exposição para colegas de outras turmas ou outros membros da comunidade escolar, como uma forma de valorizar a produção dos e das estudantes. A preparação de uma exposição pode contar com a colaboração de estudantes e de outras pessoas da escola.



3

CONSTRUÇÃO TRIDIMENSIONAL

3 CONSTRUÇÃO TRIDIMENSIONAL

APRESENTAÇÃO

Observando as crianças durante suas brincadeiras, percebemos o quão imersas ficam ao empilhar, agrupar, montar e sobrepor diversos objetos, sejam blocos, caixas de fósforos, garrafas, pedras, pratos, xícaras, potes, tampinhas, entre outros. Refletindo sobre isso, notamos que a prática construtiva é uma das atividades mais frequentes entre estudantes do Ensino Fundamental.

Construir é uma atividade intrínseca ao universo infantil. E a escola, estando integrada a esse mundo, também valoriza essa prática em seu cotidiano. Muitos se recordarão de ter proposto tais atividades aos seus e suas estudantes. Vendo-os em plena atividade construtiva, observa-se que investigam a tridimensionalidade dos objetos – buscam estruturas, por vezes de forma ordenada, outras vezes não, equilibrando os objetos, deixando-os cair e se divertindo com a experiência, sempre focados e focadas no desafio de manter suas criações em pé.

Esta Sequência de Atividades ressalta essa prática, sugerindo a construção de torres. Com isso, espera-se que investiguem aspectos como largura, altura e profundidade, bem como equilíbrio, peso e volume – o foco está na exploração da tridimensionalidade dos objetos e na busca pelo seu equilíbrio. Com o tempo, através de diversas atividades de construção, poderão ampliar suas experiências e refinar seus conhecimentos, aplicando-os em futuros projetos. Para cada torre erguida, realizarão um desenho de observação. Finalmente, pintarão suas torres, explorando a mistura de tintas, com a possibilidade de organizar uma exposição para apresentar suas criações às famílias e colegas da escola.

APRENDIZAGENS ESPERADAS¹

- Coordenar ações próprias da construção, como empilhar, juntar, acumular e sobrepor;
- Relacionar volume e peso, testando as possibilidades de equilíbrio para a construção da torre;
- Utilizar partes de vários objetos, reunindo-os para formar uma construção maior;
- Utilizar objetos de diferentes formas, tamanhos e materiais para a construção de torres, experimentando suas possibilidades;
- Adequar o material disponível ao projeto que pretende realizar;
- Fazer uso de cola e fita crepe para juntar os objetos em um só volume;
- Cooperar com o ou a colega da dupla, dando e recebendo ideias durante a execução das propostas.

1. Contemplam expectativas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular.

AULA 1

CONSTRUÇÃO DE UMA TORRE

PREPARAÇÃO

Sugerimos que professores e professoras promovam uma campanha junto aos e às estudantes para coletar sucatas, tais como tampinhas de garrafas, palitos de picolé, fragmentos de brinquedos quebrados, diversos potinhos, blocos de madeira de vários tamanhos, ripas de madeira, caixas de papelão de diversas dimensões, folhas de papelão, pratinhos e garfinhos de plástico, carretéis de linha, entre outros. É interessante observar que, provavelmente, ficarão mais engajados e engajadas se houver uma variedade maior de materiais à disposição para seus projetos. Estes insumos podem ser facilmente localizados em casa, na vizinhança, entre familiares, assim como em pequenos comércios locais.

Pode-se planejar essa campanha algumas semanas antes do início da primeira atividade. Será fundamental garantir um espaço adequado para armazenar os materiais coletados.

Para a apreciação que servirá como ponto de partida para a atividade, recomenda-se reunir algumas ilustrações, fotografias ou até mesmo vídeos que mostrem diferentes tipos de torres. Assim, estudantes terão a oportunidade de familiarizar-se e obter inspirações sobre as possíveis construções. Os livros de contos de fadas e as obras de Antoni Gaudí, por exemplo, podem ajudar neste momento.

Para a atividade, é interessante dispor de papéis variados e lápis para o desenho.

ATIVIDADE

Sugerimos que organizem a turma de forma que todos e todas as estudantes possam observar claramente as imagens selecionadas. A primeira imagem a ser apresentada pode ser uma ilustração da torre do conto Rapunzel. Nesse sentido, é interessante questionar o que percebem na imagem e atentar-se às respostas, a fim de avaliar seus conhecimentos prévios, destacando o que já sabem sobre esse tipo de construção. Em seguida, pode-se mostrar outra imagem, talvez a de um castelo, e incentivar todos e todas a comentá-la.

Após essa etapa, podem dispor todas as imagens lado a lado e questionar sobre as semelhanças entre elas. Caso os e as estudantes não mencionem as torres especificamente, recomenda-se que sejam orientados a observar os detalhes nas variadas construções apresentadas. Perguntas como “O que vocês estão percebendo?”, “Quais materiais vocês imaginam que foram utilizados na construção?” e “De que forma acham que foi edificada? Quais são suas cores?” podem guiar o olhar deles e delas durante essa atividade.

A CONSTRUÇÃO

Em um momento subsequente, sugere-se organizar as crianças em duplas e instruí-las para construir uma torre, aproveitando os materiais dispostos sobre as mesas. Vale explicar posteriormente que as torres serão desmontadas para que os materiais sejam reutilizados em outras atividades, assemelhando-se a um jogo em que as mesmas peças são empregadas diversas vezes e de maneiras diferentes.

É importante assegurar que todos e todas compreenderam a proposta. Recomendamos circular pela sala e sugerir a adição de determinados materiais às construções em progresso. Se perceber que uma dupla está utilizando predominantemente blocos de madeira, pode-se considerar a inclusão de um carretel em sua obra. Dessa forma, novos desafios são introduzidos, incentivando a experimentarem distintas estratégias na busca pelo equilíbrio adequado para sustentar a torre. É interessante, também, solicitar que descrevam como alcançaram a harmonização ou equilíbrio de certos materiais, fomentando, assim, a reflexão sobre seus métodos e ações.

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Ao finalizar a atividade, sugere-se que cada membro da dupla realize um desenho de observação de sua construção. Em seguida, enquanto estudantes desmontam as torres e organizam os materiais, pode-se dispor os desenhos no mural da classe ou na parede da sala. Ao concluírem a organização do ambiente, recomenda-se reunir a turma para apreciar os desenhos. Sugerimos, também, que estudantes olhem cuidadosamente para suas criações e questionem-se se podem identificar quem elaborou qual torre ou quais materiais compunham determinada estrutura. Perguntas como essas auxiliam eles e elas a decifrar informações contidas nas produções e despertar o olhar para eventuais detalhes na elaboração do desenho.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Empilhar caixas pode ser simples e fácil, mas se os e as estudantes puderem juntar a elas outros materiais, como palitos, carretéis, blocos de madeira, caixas de fósforo, vão se deparar com muitos desafios em termos de equilíbrio, peso, volume e tamanho, entre outros, o que dá mais relevância à atividade. Cada material implica um tipo de ação diferente – imagine se tiverem que acrescentar, por exemplo, algumas tampinhas à sua torre?

A apreciação de imagens que dá início a esta Sequência de Atividades tem o objetivo de ajudar na compreensão de uma torre, contribuindo para ampliar o repertório de imagens sobre este tema. É preciso buscar uma variedade de imagens, destacando diferentes tipos de torres e como elas se projetam. Nos livros de contos de fadas, como em Rapunzel, é possível encontrar um tipo de torre bem alta. Já em Cinderela, os castelos apresentam várias torres, distribuídas nos seus cantos.

Nas obras de Antoni Gaudí (1852–1926), arquiteto catalão que construiu, na Espanha, muitos edifícios que se tornaram famosos, como a Igreja da Sagrada Família, em Barcelona, pode-se observar torres de diversos feitios e tamanhos, compondo construções bem originais, que podem servir de referência para a turma. Em algumas de suas obras, o artista utiliza materiais bem coloridos com temas próximos ao universo infantil.

É interessante que também observem possíveis torres no local onde vivem, como chaminés de fábricas ou moinhos, igreja com torre e sino – ótimas referências para esta apreciação.

AULA 2 UMA NOVA TORRE

PREPARAÇÃO

Para tornar essa atividade mais envolvente, é sugerido que sejam providenciados alguns materiais diferentes daqueles utilizados na construção da primeira torre.

Os educadores e educadoras podem preparar materiais variados e uma caixa grande para cada par de estudantes, além de cola, pincel e fita crepe.

ATIVIDADE

Antes de iniciar a atividade, pode ser benéfico solicitar a colaboração de alguns e algumas estudantes para organizar os materiais nas mesas. Com todos e todas acomodados em círculo, pode-se introduzir a proposta de construir uma torre, utilizando como base uma caixa de papelão e colando os diferentes materiais. Sugerimos que estudantes formem duplas, preferencialmente em combinações distintas das da aula anterior, visando potencializar a troca de experiências sobre a construção de torres.

Para facilitar o processo, os educadores e educadoras podem demonstrar como manusear a cola, enfatizando a importância de retirar o excesso com o pincel. Se necessário, estudantes também podem fazer uso da fita crepe para auxiliar na fixação dos objetos, removendo-a posteriormente após a secagem da cola.

CONSTRUÇÃO E COLAGEM

Ao circularem pela sala, professores e professoras podem propor questões às duplas para incentivá-las a explorar as variadas possibilidades dos materiais. É interessante sugerir combinações alternativas de materiais ou ideias para expandir a torre. Por exemplo, pode-se questionar: “Como ficaria se acrescentassem este material? Será que a torre poderia ser ainda mais alta? Que

tal tentar ampliá-la em altura ou largura? Experimentem posicionar esta caixa aqui. O que acharam? Seleccionem mais três itens para adicionar à torre e, quando estiver pronta, convidem-me para apreciá-la”.

Sugerimos, também, que proponham aos e às estudantes fazer uma breve caminhada pela sala para observar as criações dos e das colegas. Tal observação pode inspirar novas ideias sobre materiais que poderiam ser integrados à construção da torre.

O QUE É IMPORTANTE SABER

A exploração das dimensões dos objetos – como largura, altura e profundidade, que nos referimos como tridimensionalidade – é um objetivo central dessas atividades. Embora estudantes não necessitem nomear explicitamente essas dimensões, é fundamental que desenvolvam percepções a respeito delas, experimentando e compreendendo seus conceitos. Ao introduzir novos objetos nas aulas, professores e professoras podem ampliar a investigação dos e das estudantes sobre a tridimensionalidade dos materiais.

AULA 3 DESENHO DE OBSERVAÇÃO E PINTURA DA TORRE

PREPARAÇÃO

É recomendado que preparem, com antecedência, um espaço destinado à exposição das torres, de forma que os e as estudantes possam desenhá-las e, posteriormente, pintá-las. Além disso, é interessante planejar uma seção dedicada à mistura de cores.

Para a atividade, sugerimos a preparação de cartolina de cor clara, cortada em quadrados de 20x20 cm, assegurando uma quantidade suficiente para que alguns e algumas estudantes possam, caso desejem, refazer seus desenhos – canetinhas de cores escuras, como azul, vermelho, preto, marrom e cinza são essenciais. Além disso, é útil garantir tintas variadas, incluindo branco, pincéis de diversos tamanhos, potinhos plásticos e materiais, como jornais ou plásticos, para forrar as mesas ou o chão. Também não se esqueçam de providenciar panos para a limpeza.

ATIVIDADE

Com as torres devidamente organizadas sobre as mesas, pode-se pedir aos e às estudantes que escolham uma canetinha e elaborem um desenho de observação de sua respectiva torre – sugerimos manter as mesmas duplas da atividade anterior. Durante o desenho, professores e professoras podem circular entre as mesas, auxiliando na observação por meio de perguntas, como: “Está observando a torre enquanto desenha? O que observa neste canto? Incluiu esse detalhe em seu desenho?” Ou, apontando, “Já notou este aspecto? Tem interesse em desenhar essa parte também?”.

PINTURA DA TORRE

Após a conclusão dos desenhos, é interessante coletar os mesmos e disponibilizar tinta branca – preferencialmente guache misturado com um pouco de cola para potencializar a aderência —, de modo que os e as estudantes pintem suas torres. Posteriormente, outras cores podem ser adicionadas sobre a camada branca, intensificando suas tonalidades. Se assim preferirem, estudantes podem optar por não pintar certas partes da construção com branco, o que resultará em uma aparência distinta quando a torre estiver finalizada. Enquanto a primeira camada de tinta seca, eles e elas têm a oportunidade de preparar outras tonalidades. Recomendamos adicionar um pouco de cola em cada mistura, garantindo a aderência adequada da tinta.

Quanto à mistura de tintas, sugerimos as seguintes combinações:

- Utilizar amarelo e uma pequena quantidade de azul para obter verde;
- Combinar amarelo e um toque de vermelho resulta em laranja;
- Misturar branco e um pouco de vermelho gera a cor cor-de-rosa;
- Ao combinar branco e preto, obtém-se cinza;
- Tintas já prontas ou outras combinações diferentes também podem ser consideradas como alternativas para a pintura.

É importante preparar adequadamente o ambiente de trabalho, distribuindo os materiais previamente selecionados. Cada estudante deve ter fácil acesso a tintas em pequenos potinhos, recipientes com água, pincéis e panos de limpeza.

Sugerimos que orientem os e as estudantes a dialogar com seus e suas colegas de dupla sobre as tonalidades a serem empregadas, considerando que, juntos e juntas, pintarão sua torre. Pode-se sugerir que utilizem o desenho de observação para registrar as cores desejadas para a pintura da torre, desse modo, esses desenhos podem atuar como um projeto de pintura para cada torre.

Durante o processo de pintura, vale circular pela sala, lembrando a importância de limpar os pincéis ao alternar as tintas, de remover o excesso de tinta do pincel ao passá-lo na borda do recipiente ou até mesmo auxiliando na reflexão sobre a escolha das cores.

ARRUMAÇÃO E AUTONOMIA

Após a conclusão da atividade, as torres podem ser posicionadas para secagem, e é relevante convidar todos e todas para organizar o ambiente, isto é, determinar os locais para armazenar as construções, colocar os materiais restantes em caixas, higienizar recipientes e pincéis, entre outros. Além de assegurar uma eficiente limpeza do espaço, tal prática instiga hábitos de trabalho que fortalecem a autonomia dos e das estudantes em atividades artísticas.

**AULA 4
APRECIÇÃO****PREPARAÇÃO**

Dentre as sucatas remanescentes, cabe avaliar se ainda há materiais que podem ser empregados no acabamento das torres: botões, tampas de creme dental e de refrigerantes, fragmentos de brinquedos danificados, palitos de picolé, tampas de latas, carretéis, pedaços de papelão, esferas e outros. Se necessário, pode-se organizar uma nova coleta de materiais recicláveis junto aos e às estudantes.

Não é esperado que eles e elas pintem esses pequenos objetos, visto que, com frequência, já possuem uma coloração própria.

Uma atividade adicional de apreciação pode ser planejada, revisitando as imagens apresentadas na primeira aula, focando agora no acabamento das construções e dando destaque às torres de Gaudí como referência.

Vale discutir com os e as estudantes a finalidade das torres construídas. As opções incluem utilizá-las para brincadeiras ou expô-las, convidando familiares, equipe da escola e colegas de outras turmas para apreciarem as criações da turma. Neste contexto, envolver estudantes na organização da exposição pode ser uma estratégia interessante.

Para a atividade, serão necessários materiais variados, cola e pincéis.

ATIVIDADE

Com imagens variadas de torres exibidas em um local visível da sala, é sugerido que conduzam uma sessão de apreciação, incentivando a focarem nos detalhes das estruturas – é interessante destacar o modo como Gaudí finalizava suas obras e os materiais empregados em seus acabamentos. Após esta análise, podem propor aos e às estudantes que procedam com os acabamentos de suas próprias torres, selecionando, dentre os recursos à disposição, os mais apropriados para finalizar suas criações. É recomendado dispor as torres sobre as mesas, permitindo que todos e todas observem enquanto determinam e testam os materiais de acabamento. Ao concluir, pode-se incentivar que percorram a sala, apreciando as criações de seus e suas colegas.

RODA DE CONVERSA

Professores e professoras podem organizar um momento de diálogo no formato de roda, possibilitando que questionem uns aos outros sobre suas obras. Caso não saibam por onde começar, é válido oferecer algumas perguntas orientadoras, garantindo, contudo, que todos e todas tenham espaço para se expressar. Algumas questões que podem ser propostas são: “O que mais apreciaram no processo?”, “Inspiraram-se nas torres de seus e suas colegas em algum momento?”, “Quais estratégias utilizaram para equilibrar as peças das torres?” e “Encontraram dificuldades para equilibrar alguma torre? Por qual motivo?”.

EXPOSIÇÃO

Pode ser interessante indagar se os e as estudantes têm interesse em apresentar seus trabalhos às famílias. Se a ideia de uma exposição for bem recebida, é interessante envolvê-los e envolvê-las nos preparativos deste evento – decisões sobre onde posicionar as obras, elaborar etiquetas com os nomes dos e das participantes, organizar e limpar o espaço destinado à exposição e criar convites serão necessárias. Além disso, professores e professoras, junto com a administração da escola, podem determinar o momento e local mais adequados para exibir as criações a todos os convidados e convidadas.



bialasiewicz/Envato

4

MODELAGEM COM ARGILA



4 MODELAGEM COM ARGILA

APRESENTAÇÃO

Nesta Sequência de Atividades, estudantes farão modelagens com argila, aprofundando seu conhecimento sobre a origem do material, seus diversos usos ao longo da história e em aspectos cotidianos. Também terão a oportunidade de compreender suas características e propriedades de forma prática, manipulando a argila e experimentando diferentes técnicas para moldar o material, como amassar, enrolar, confeccionar esferas, rolinhos e placas, empregando-as na confecção de peças.

A argila tem marcado presença na trajetória da humanidade desde tempos imemoriais. Civilizações mesopotâmicas construíram suas moradias utilizando bolas de argila há 7.000 anos. Posteriormente, essas estruturas foram substituídas por tijolos moldados a partir de argila combinada com palha ou esterco, culminando nos tijolos de argila cozidos. A humanidade tem criado utensílios domésticos com argila, como potes, pratos, azulejos, lajotas e fornos, entre outras criações, há milênios.

Uma das principais qualidades da argila é sua maleabilidade, permitindo-nos moldá-la conforme desejado. Depois de se dar forma a uma peça de argila, ela é submetida a cozimento em fornos específicos, geralmente em duas etapas: uma primeira queima em alta temperatura, conferindo resistência à peça; a segunda é realizada após a aplicação de esmaltes que tornam a peça impermeável e colorida.

Compreender verdadeiramente a natureza da argila se dá ao tocá-la, sentir sua textura, manipulá-la e dar-lhe forma. Devido a estas propriedades e características singulares, o trabalho com argila é especialmente adequado para introduzir as crianças na criação de objetos tridimensionais, proporcionando uma vasta gama de experiências, desde o prazer tátil ao tocar o material até o desafio intelectual e físico de modelar uma peça.

APRENDIZAGENS ESPERADAS¹

- Conhecer características materiais da argila, como sua umidade, consistência e cheiro;
- Conhecer propriedades da argila, como sua elasticidade e capacidade de reter uma forma;
- Relacionar tamanhos entre objetos modelados;
- Aprender procedimentos básicos para modelagem com argila, como amassar, enrolar, fazer placas e esferas, juntar parte etc.

¹ Contemplam expectativas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular.

AULA 1 INVESTIGAÇÃO

PREPARAÇÃO

É interessante que professores e professoras saibam que a argila pode ser obtida em olarias locais, entrepostos ou mesmo nas margens de alguns rios. Caso a argila seja recolhida na beira de um rio, é recomendável ter alguns cuidados antes de seu uso. Muitas vezes, pode-se encontrar a argila misturada a gravetos e pequenas pedras – sugere-se que sejam retirados. Nessa situação, ela pode ser preparada e armazenada em um saco plástico bem fechado para evitar que resseque. É interessante calcular a quantidade necessária, de forma que cada estudante possa trabalhar com uma quantidade adequada do material.

Sugerimos que sejam feitos alguns combinados para desenvolver a atividade de forma organizada, como pegar mais argila conforme a necessidade, ter cuidado para não encharcar a argila e manter os trabalhos sobre as bases adequadas. Os materiais utilizados serão: argila, uma base de trabalho para cada estudante (identificada com seu nome, feita de papelão, madeira ou papel sulfite) e uma pequena bacia ou pote com água.

ATIVIDADE

Sugerimos organizar os e as estudantes em um círculo e colocar o bloco de argila no centro, sobre uma base. Pode-se esclarecer que eles e elas experimentarão um tipo de material que tem sido utilizado pelo homem há muitos anos e que comumente é encontrado nas margens de rios. Também vale questionar a turma sobre seu conhecimento do material, de onde pensam que ele se origina e quais suas possíveis utilizações.

Para enriquecer a discussão, é interessante indagar se conhecem objetos feitos de argila. As diversas aplicações da argila podem ser discutidas, fazendo-os lembrar de algum muro ou parede de tijolos no ambiente escolar ou nas proximidades, telhas de residências, pisos cerâmicos, filtros de água,oringas, fogões a lenha ou outros itens confeccionados a partir da argila. Se possível, alguns desses objetos podem ser trazidos para sala de aula.

PRIMEIRO CONTATO

É sugerido que orientem um ou uma estudante a distribuir os pedaços de papelão ou de madeira, que servirão como base. Em seguida, pode-se convidar a turma, em grupos de quatro ou cinco, para pegar um punhado de argila e retornar aos seus lugares em círculo. Se estudantes sentirem necessidade durante a atividade, podem pegar mais argila – é importante garantir que tenham tempo e liberdade para a exploração inicial e as pesquisas necessárias. A partir disso, pode-se questionar sobre qual a sensação ao se manusear a argila: se ela é fria, úmida, se tem cheiro

e se esse aroma remete a algo conhecido, além de sua consistência. É interessante nomear as características do material em questão. Caso a argila comece a ressecar durante esse processo exploratório, vale aconselhar a umedecerem levemente as mãos e amassar a argila até recuperar a consistência desejada. Recomenda-se que se trabalhe com esse mesmo pedaço de argila, experimentando variadas maneiras de moldar e descobrindo as possibilidades do material.

EXPERIMENTAÇÕES

Ao observar a investigação dos e das estudantes, pode-se chamar a atenção para as diversas ações que realizam com a argila, como amassar, socar, bater, furar, esticar, enrolar, marcar, separar, unir, cavar, riscar, dividir, esfarelar, entre outras – é interessante incentivar todos e todas a experimentar essas ações. Alguns e algumas estudantes podem ser convidados a demonstrar para o grupo como executaram determinadas ações, como, por exemplo, enrolar ou furar a argila.

É interessante que eles e elas sejam incentivados e incentivadas a moldar esferas com a argila, inicialmente uma, utilizando toda a porção, e posteriormente, várias esferas de diferentes tamanhos. Propõe-se, também, que criem “cobrinhas” de variadas espessuras e comprimentos e pequenas placas, pressionando a argila com a palma da mão – professores e professoras podem esclarecer que moldar esferas, rolinhos e placas são técnicas frequentemente utilizadas no trabalho com argila.

Ao final da atividade, pode-se combinar com eles e elas que as peças moldadas serão guardadas para apreciação na próxima aula, observando e comparando as mudanças ocorridas em cada uma delas. É apropriado que estudantes recolham os fragmentos de argila que possam ter caído ou sobrado, de modo que sejam armazenados e reutilizados em futuras atividades.

O QUE É IMPORTANTE SABER

A argila que normalmente usamos para modelar é formada por partículas de rochas decompostas que foram transportadas do seu lugar de origem pelas águas da chuva e se depositaram nos estuários de rios, agregando minerais e materiais orgânicos no percurso. São esses materiais adicionados que dão à argila suas diferentes colorações e extrema elasticidade.

Lembrem-se das diferenças entre modelar e esculpir, ambas operações possíveis na argila. As atividades propostas nesta sequência serão de modelagem, que é uma operação executada diretamente em substâncias maleáveis, como a argila ou a cera, capazes de serem moldadas pela mão, amassando, enrolando, furando, cavando, agregando porções ou juntando partes já modeladas, até se chegar à forma desejada. Ao esculpir, o que se faz é entalhar matérias duras, como madeira, pedra ou metal, utilizando-se instrumentos e técnicas adequadas. É possível esculpir um bloco de argila que esteja mais seca do que a usada para modelar, num ponto chamado de “couro”, quando ainda há umidade no material, mas não mais flexibilidade e maciez ao toque da mão.

AULA 2

MODELAGEM DE PEQUENOS BICHOS

PREPARAÇÃO

Para realizar a apreciação, é interessante que as peças de argila feitas na atividade anterior sejam organizadas de forma que todos e todas possam observá-las. Para a etapa de modelagem, sugerimos dividir a argila em porções no formato de esferas com cerca de 10 cm de diâmetro, armazenando-as em uma caixa. Determinando previamente a quantidade de argila que cada estudante receberá, estabelece-se o volume máximo que o trabalho pode alcançar.

Para a realização da atividade, vale providenciar porções de argila para cada estudante, instrumentos organizados em potes como palitos, colher, garfo, ferramentas, entre outros (um para cada grupo de estudantes), bases de papelão ou madeira e pequenos copos de plástico para água.

ATIVIDADE

Pode-se organizar os e as estudantes em roda e dispor as peças de argila feitas na atividade anterior de maneira que todos e todas tenham uma visão clara delas. Sugerimos que os e as estudantes avaliem as peças, destacando acertos e problemas identificados – algumas peças podem ter apresentado rachaduras. Nesses casos, é interessante explicar as possíveis causas, como a maneira pela qual secaram, a qualidade da argila ou a fragilidade inerente ao material. Professores e professoras podem indicar os cuidados a serem adotados em trabalhos futuros para minimizar a ocorrência de rachaduras, embora seja válido ressaltar que, mesmo com tais precauções, algumas peças ainda podem rachar.

É recomendável retomar com os e as estudantes os procedimentos aplicados na aula anterior, incentivando-os a relacionar tais procedimentos com as modelagens. Por exemplo, é válido questionar quais peças foram furadas, riscadas, enroladas, entre outras ações.

NOVA MODELAGEM

Sugerimos que organizem a turma em pequenos grupos e distribuam as porções de argila. Os pequenos agrupamentos podem facilitar a socialização das experiências individuais, incentivando todos e todas no grupo a experimentar os procedimentos descobertos.

Pode-se orientar um ou uma estudante de cada grupo a pegar palitos e outros instrumentos previamente selecionados para a atividade, bem como copinhos com água para serem usados coletivamente – é interessante que as crianças experimentem esses palitos e instrumentos, explorando o que é possível fazer com eles, seja riscar, cortar, furar, alisar ou criar texturas na superfície da argila.

Pode-se sugerir aos e às estudantes que imaginem e modelem uma pequena criatura fictícia que caiba na palma da mão, utilizando a quantidade de argila que lhes foi fornecida – esta abordagem assegura que a criatura seja de tamanho reduzido. Para auxiliar na criação, professores e professoras podem relembrar detalhes de vários animais conhecidos, como insetos, passarinhos, minhocas, e sapos, e propor que combinem diferentes características destes seres. Algumas perguntas sobre detalhes podem ser feitas: a criatura possui pernas? Quantas? Como é seu corpo? Sua pele? Possui antenas, garras, orelhas ou bico? Habita na terra, na água ou no ar?

Recomendamos relembrar, com eles e elas, os procedimentos para moldar esferas, rolos e outras formas em cerâmica, usadas na atividade anterior, destacando que esses métodos podem auxiliá-los na modelagem de suas criaturas.

FINALIZAÇÃO

Se notarem que a argila usada por um estudante está ressecando, pode-se resolver o problema umedecendo levemente as mãos e amassando a argila para restaurar sua consistência ideal. Se a modelagem já estiver em progresso, é adequado orientar os e as estudantes a molharem levemente a ponta do dedo com água e suavizarem a superfície ressecada. Esses são passos importantes para reduzir o risco de rachaduras ou quebras nas peças.

Ao final da atividade, é aconselhável que os e as estudantes coloquem seus trabalhos sobre suportes de madeira ou papelão para secagem adequada. Também pode-se convidá-los e convidá-las a reunir todos os resíduos de argila ainda úmida, formando uma esfera e armazenando-a em uma caixa. Além disso, um ou uma estudante de cada grupo pode ser convidado ou convidada a coletar os materiais dispersos na área de trabalho.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Trabalhos em argila são naturalmente delicados, por isso o manuseio e o armazenamento devem ser feitos com atenção para evitar danos como quebras e rachaduras, que podem causar grande frustração aos e às estudantes. O processo de secagem, por exemplo, precisa ocorrer de forma gradual, de dentro para fora – se não for assim, as peças podem rachar. Ao analisar os trabalhos em argila, é vital esclarecer isso a eles e elas e dialogar sobre possíveis imprevistos, suas origens e como solucioná-los.

O manuseio da argila envolve todo o corpo, exigindo, em especial, certa força das mãos – inicialmente, apenas as mãos serão suficientes para a modelagem. No entanto, logo os e as estudantes demonstrarão interesse em usar ferramentas ou objetos que marquem, perfurem ou cortem a argila. Dessa forma, recomenda-se reunir itens úteis para esse propósito, como colheres de plástico, pentes ou palitos.

A introdução de instrumentos deve ser feita de forma gradual. Estudantes podem ficar confusos se forem apresentados a uma ampla variedade de materiais de uma só vez – o ideal é que esses utensílios sejam disponibilizados conforme a necessidade de utilização em seus projetos. Por exemplo, se desejarem criar marcas que representem os pelos de animais que estão modelando, palitos de dente podem ser oferecidos como uma excelente ferramenta para esse fim.

Ao moldar a argila, estudantes vão descobrindo as possibilidades que o material proporciona, e, nessa jornada, o próprio material pode inspirar criações. É crucial encorajá-los e encorajá-las a desenvolver seus trabalhos com autonomia, pois a variedade de formas e técnicas enriquece a produção de todos e todas, ampliando o repertório de modelagem de cada um e cada uma.

AULA 3 MODELAGEM DE CASAS PARA OS BICHOS

PREPARAÇÃO

A modelagem de casas para os bichos exigirá que estudantes pensem em objetos com espaços vazios em seu interior, grandes o suficiente para abrigar o bicho modelado.

É interessante que professores e professoras realizem uma pesquisa sobre os locais mais adequados nas proximidades da escola e planejem um passeio com os e as estudantes, para que tenham a oportunidade de observar diversos exemplos de casas de pequenos animais – sugere-se organizar os animais modelados na atividade anterior para uma apreciação posterior. Na atividade, será necessário utilizar argila em quantidade maior do que na aula anterior, além de instrumentos já utilizados ou outros, visando novas criações, bem como copinhos para água.

ATIVIDADE

Estudantes podem ser convidados e convidadas a observar todos os animais modelados na aula anterior. É fundamental lembrar que essa argila não será queimada, pois trata-se de um material delicado, que precisa ser manuseado com cuidado.

Pode-se iniciar a apreciação das modelagens fazendo perguntas que os ajudem a notar a diversidade de soluções apresentadas nos trabalhos e as peculiaridades de cada um dos animais, bem como as semelhanças entre eles. Para aprofundar essa observação, pode-se questionar, por exemplo, qual é o animal modelado maior e qual é o menor, quais têm o maior número de patas, quais apresentam garras, os que parecem voar, os que estão em pé, os que estão deitados, entre outras comparações.

Ao final, sugere-se pedir aos e às estudantes que identifiquem os procedimentos já conhecidos e utilizados, relacionando-os com os resultados observados nas modelagens.

PESQUISA NOS ARREDORES

Vale convidá-los e convidá-las para um passeio, esclarecendo que o objetivo é a observação de casas de pequenos animais. Antes da saída, pode ser interessante questionar se já observaram ninhos de passarinhos, formigueiros, teias de aranha, tocas ou outros tipos de habitações construídas por animais.

Durante o passeio, sugere-se que estudantes direcionem seu olhar para o chão, troncos, galhos de árvores e paredes, em busca de locais habitados por pequenos animais. Ao identificarem essas habitações, professores e professoras podem fazer perguntas que incentivem a relação do habitat com o animal: a que animal poderia pertencer essa toca, teia, ninho etc.? Como seria seu tamanho? Como imaginam que ele viva ali? De que material essa casa é feita? Algum dos animais modelados em argila poderia habitar um local assim? Ele se acomodaria lá?

MODELANDO A CASA DO BICHO

Ao retornarem à sala de aula, é interessante que peguem seus animais de argila e se posicionem em círculo – o próximo passo será modelar um local para que esses animais se acomodem, protegidos da chuva, calor ou frio. Relembrar as habitações de animais observadas pode auxiliar que estabeleçam conexões entre os animais imaginários e os reais, assim como suas moradias.

Sugere-se, então, que observem seus animais de argila, imaginem um tipo de construção adequada como abrigo, considerando o tamanho do animal, e comecem a modelagem.

Ao finalizar, é recomendado que os trabalhos sejam colocados sobre bases de madeira ou papelão e guardados em local adequado – estudantes podem ser orientados a coletar todos os pedaços de argila ainda úmidos, formando uma bola e armazenando-os em sacos plásticos dentro da caixa apropriada.



AULA 4 APRECIÇÃO

PREPARAÇÃO

Professores e professoras podem organizar o conjunto de peças modeladas pelos e pelas estudantes, dispondo-as de maneira que todos e todas tenham a oportunidade de visualizá-las.

ATIVIDADE

Sugere-se que os e as estudantes sejam convidados e convidadas a observar os trabalhos, lembrando-os da fragilidade da argila para que sejam cuidadosos e cuidadosas com as peças criadas pela turma.

Recomenda-se revisitar os procedimentos explorados e aplicados ao modelar os animais e seus abrigos, tais como furar, enrolar, cavar e riscar. É interessante pedir que identifiquem tais procedimentos nas peças, percebendo como uma única técnica pode resultar em diferentes modelagens – por exemplo, o uso de esferas para representar o corpo do animal, seus olhos ou patas, além de “cobrinhas” para partes do animal ou de sua casa exemplificam técnicas de modelagem aplicadas de distintas maneiras.

CLASSIFICAÇÃO

Posteriormente, vale propor que os jovens organizem os trabalhos em grupos, de acordo com os critérios definidos a partir das características observadas nas modelagens.

Será proveitoso fazer algumas perguntas para ajudar na definição de critérios, como verificar se existem animais com asas ou pernas – portanto, um possível critério poderia ser animais com asas, que formariam um grupo específico. Outra linha de questionamento poderia abordar se existem animais modelados com características semelhantes e quais seriam – por exemplo, animais com caudas, o que poderia constituir outro grupo distinto. O mesmo pode ser considerado para os abrigos: quais tipos de habitações foram modelados pela turma? O que elas têm de similar? Considerando o tamanho, como poderiam ser classificadas? Em comparação com seus respectivos animais, há abrigos cujas dimensões e alturas são significativamente maiores que os de seus ocupantes? Além disso, é essencial que as diferenças sejam igualmente valorizadas. Por exemplo, um critério pode ser aquilo que destoa do restante, o que não tem semelhança com nenhuma outra modelagem, reunindo esses trabalhos distintos em um grupo específico.

INICIATIVA



FUNDAÇÃO
VALE

PARCEIRO



roda
educativa